

A QUESTÃO DOS ARMAMENTOS



— Sim, senhora! Com estas espaldas, eu fico como o Brasil em Santiago: preciso defender as costas!

“FLUXO-SEDATINA”

O grande remedio
das senhoras

é a Fluxo-Sedatina

Porque cura Colicas Uterinas em 2 horas. Suspensões, Hemorrhagias excessivas, Inflamações dos Ovarios e todas as doenças do Utero combate-se com a FLUXO-SEDATINA.

Na idade critica das mocinhas, regula os periodos mensaes, e nas senhoras evita os Tumores Uterinos.

Nos Partos, diminue as Dores e as Colicas e evita as Hemorrhagias Antes e Post Partum.

Os directores de hospitaes, sanatorios e parteiras que queiram fazer experiencias dirijam-se ao deposito

Em todas as Pharmacias e Drogarias



INVERNO

Casacos malha lã	50\$000
Casacos malha lã	65\$000
Casacos malha lã	75\$000
Vestidos malha lã	110\$000
Vestidos malha lã	125\$000
Costumes Jersey lã	200\$000
Costumes Jersey lã	230\$000
Costumes Jersey lã	250\$000

ROYAL-STORE

187, OUVIDOR, 189

Phone N. 6717

"A MAÇA"

SEMANARIO ILUSTRADO — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua da Quitanda, 59

Estados		Capital:	
Anno	25\$000	Numero AVISO	\$500
Registrado (Anno)	50\$000	" ALFABADO	\$800
1 mes AVISO	\$400		

Exterior:		Registrado	
Porte simples		Anno	60\$000
AVISO	50\$000	Semestre	35\$000
1 mes	30\$000		

Agentes para os Estados:

L. MARIA LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Annuncios:

1 pagina	200\$000	1/8 pagina	35\$000
2 "	110\$000	Capa a duas cores	450\$000
3 "	60\$000	" " trez "	600\$000

Publicações no texto 5\$000 a linha, em corpo 7

Agente geral: RAUL DE ALMEIDA

Caso de microscopio

O sympathico mandano, tão apreciado pelas senhoras que lhe recebem os cumprimentos no Gloria e no Palace, tem a vantagem, ou a desvantagem, de ser de pequena estatura. Uma destas noites, estava elle em palestra demasiado intima na casa de uma das mais encantadoras divorciadas que fazem a graça do Rio, quando o dono da praça fez soár o portão.

— Esconde-te! esconde-te! — fez o diabrete, estirando-o no leito, deitando-se ao lado e pondo um lençol por cima.

Ao penetrar no aposento, o conhecido homem publico deu, logo, pela trama:

— Quem é que está aqui?

— Ninguém, fulano!

O homem notavel suspendeu o lençol:

— E isto?

— Ahn! — fez a moça, com espanto simulado.

E com ingenuidade:

— Eu nem tinha visto!...

COMP DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização
do Governo Federal.

às 2^h e aos sabbados às 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 43

Hoje, 16 de Junho, às 3 horas da tarde

100:000\$000

POR 8\$000 EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na seccão
da Companhia á Rua 1.^a de Março, 88.

A assistencia aos tuberculosos

A Liga Brasileira contra a Tuberculose previne ao publico que o seu serviço especial de Assistencia Domiciliaria, instituido desde 1913 para visitar e tratar tuberculosos indigentes, continúa a funcionar regularmente em todas as freguezias urbanas do Districto Federal, tendo a sua séde á rua Senador Euzebio n. 238.

O enfermo que não póde frequentar os dispensarios da Liga é assistido em seu proprio domicilio recebendo gratuitamente, além dos soccorros medicos, ministrados por especialistas, os remedios necessarios e bem assim o leite de superior qualidade.

Um simples aviso dado pelo telephone (Norte 3930) nas horas do expediente (11 horas da manhã ás 2 da tarde), basta para a immediata satisfação do pedido de assistencia.

PYRAMIDON

DE MEISTER LUCIUS & BRUENING,
HOECHST A/MAIN,
ALLEMANHA

Só a marca assegura a pureza do producto. O uso mais pratico e commodo é em comprimidos de 0,1 a 0,3 grammas. Para todos os casos de Hemicrania, Cephalalgias, Neuralgias, Febre, etc. Cada pessoa deve ter um tubo de comprimidos Pyramidon em casa.

Represens.: JOHN JUERGENS & C.

RUA DA ALFANDEGA, 120
RIO DE JANEIRO

RUA FLÓRENCIO DE ABREU, 108
S. PAULO

A' venda nas Drogarias e boas Pharmacias
TUBO: 2\$500



BIOTONICO FONTOURA

O MAIS
COMPLETO
FORTIFICANTE



Dr. Luiz Sampaio

OPERADOR E PARTEIRO

Especialista em molestias de senhoras e ocreanças, em syphilis e vias urinarias.

Applica injeções de 914 por processo rapido e sem dor.

CONSULTORIO — Ourives 30, das 4 ás 6 horas

Telephone Norte 1422

RESIDENCIA — PRESIDENTE DOMICIANO 194

Nictheroy

Telephone 2066



O cumulo do respeito

Filho de um politico de nomeada no Estado do Rio, e altamente conceituado na sua classe, o estimado medico fluminense não quiz casar, preferindo o celibato sereno, que lhe assegura a tranquillidade.

A castidade não é, porém, virtude dos nossos tempos. E ahi está porque, todas as noites, chega a Nictheroy, modestamente vestida, uma creaturinha sem os attributos das damas de luxo, que alli dorme, ou... não dorme, para regressar de manhã, na barca das oito.

— Vê você — dizia, uma d'estas noites, o juiz Oldemar Pacheco a um companheiro de viagem; — vê você, como Fulano respeita as fluminenses?

E numa sentença:

— Quando quer «conspurar» uma dama, encomenda-a no Rio!

E — justiça lhe seja feita, — a dama é sempre a mesma...



NUMEROS ATRAZADOS

d'A MAÇA, nas livrarias
Leite Ribeiro e Braz Lauria, á rua
Gonçalves Dias, 78 - RIO.

PARA O INVERNO

Meias de lã

Camisas de lã

Ceroulas de lã

Cobertores de lã

Jackets de lã

Cachenez de lã

Cachecol de seda

Camisas sport, pura lã

Capas impermeaveis

Preços baratissimos

CASA ESTRELLA
OUVIDOR 134

Durante este mez grandes abatimentos
na

CASA TEDESCO

Grande sortimento de
Artigos de Agasalho

Pelles, Boás de Plumas, casacos de malha de lã e de Jersey de seda

Lindos desenhos em tecidos de Lã, Gabardine, Flanellas,
Velludos. Bengaline de Lã, Meias de todas as qualidades
e preços. Morins, Cretones e Artigos de Armarinhos

SEDAS
GRANDE VARIEDADE

Não comprem sem verificar os preços e as vantagens que offerece a

CASA TEDESCO
9, Rua Gonçalves Dias, 9

OLHOS

Inflamações e purgações

USE O

"COLLYRIO MOURA BRAZIL"

Prestigiemos a Industria Nacional

TERNOS SOB MEDIDA:

De bôa casimira nacional.....

120\$000

De superior casimira nacional, pura lã, em geral vendida como estrangeira.....

260\$000

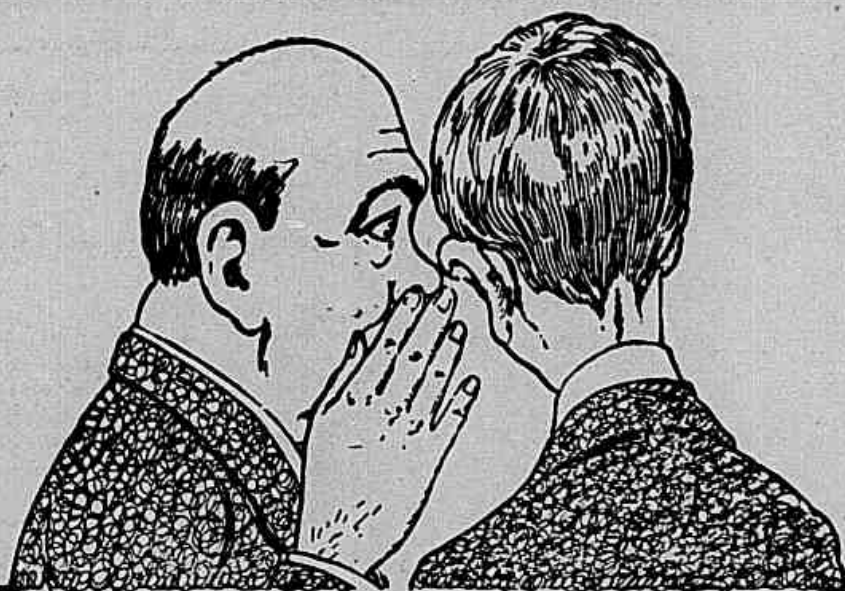
Grande variedade de padrões os mais modernos e lindos

Habilitem-se ao nosso SORTEIO DIÁRIO de mercadorias no valor de

CEM MIL RÉIS.

PARC ROYAL

— A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL —



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

anti - blenorragica

de ABREU SOBRINHO

RUA DA LAPA, 6 - RIO

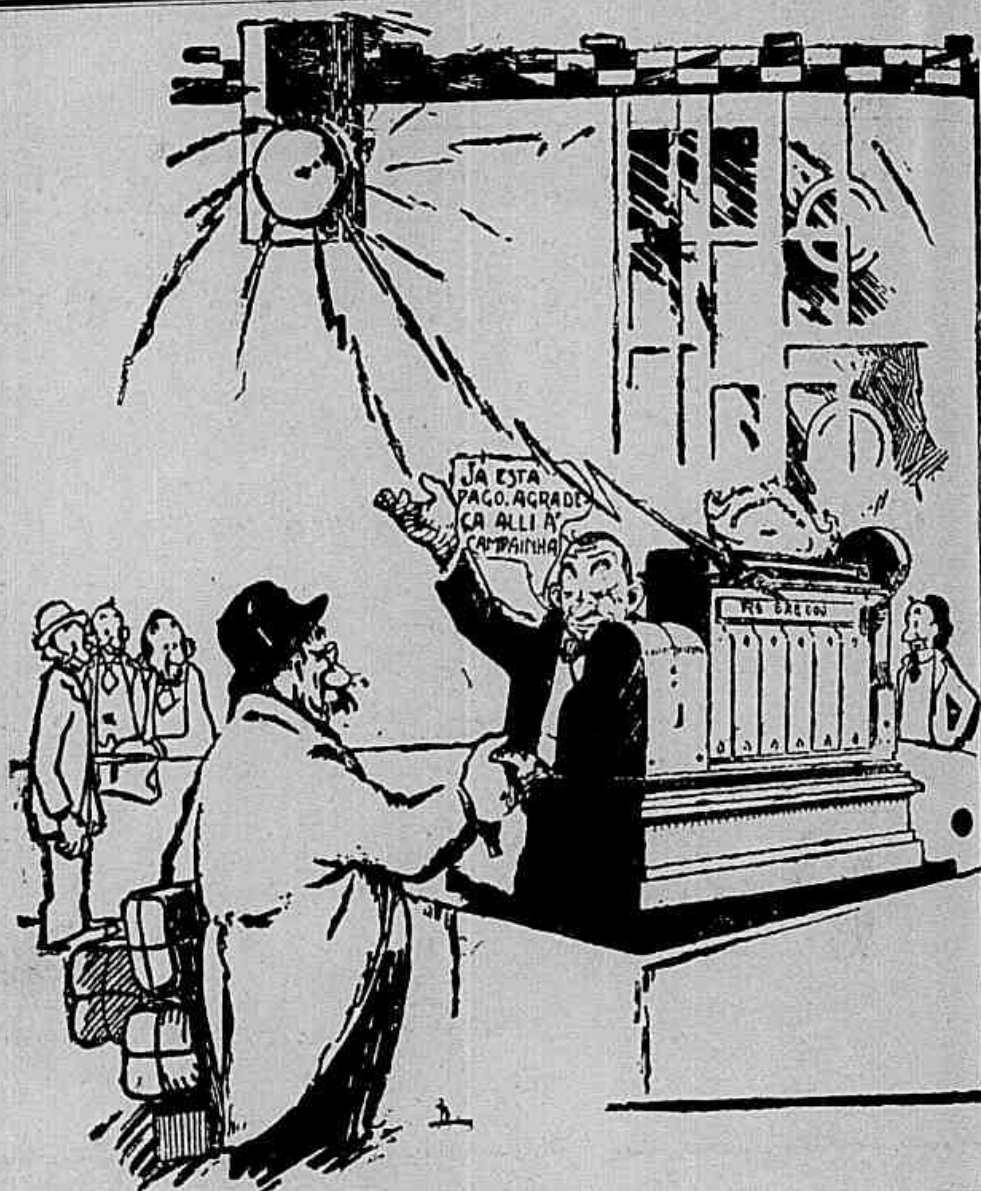
Casa RAUNIER

RUA OUVIDOR, 170

ATENÇÃO!

Nada será cobrado aos senhores clientes quando tendo feito suas compras e procedendo ao respectivo pagamento fôr ouvido, com a batida da caixa, o toque da campainha collocada ao meio da casa.

A campainha vibrará repetidas vezes ao dia.



Um veterano

O conhecido mundano, proprietario de um magnifico palacete na Avenida Atlantica, sentia-se encantado com o amor de uma linda creatura de nome tradicional na historia do Brasil. Casado, embora, com uma formosa dama de alto cothurno, cedia o coração desta a um amigo da casa, unicamente para gosar, á vontade, o prazer d'aquella amisade nova.

Ha dias, porém, foi informado por um collega que essa «amisade nova» não era apenas sua. Chamou á fala a ingrata, e interpellou-a:

— Então, estás me trahindo; não? Tu não sabes que eu não me conformo, absolutamente, com essa situação de homem enganado?

— Ah, filho, perdôa! — fez o anjo.

E batendo-lhe na cara gorda e raspada:

— Eu pensei que tua mulher já te havia acostumado!

Comprem todos os mezes

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e victoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO
Secretario: AGRIPPINO GRIÉCO

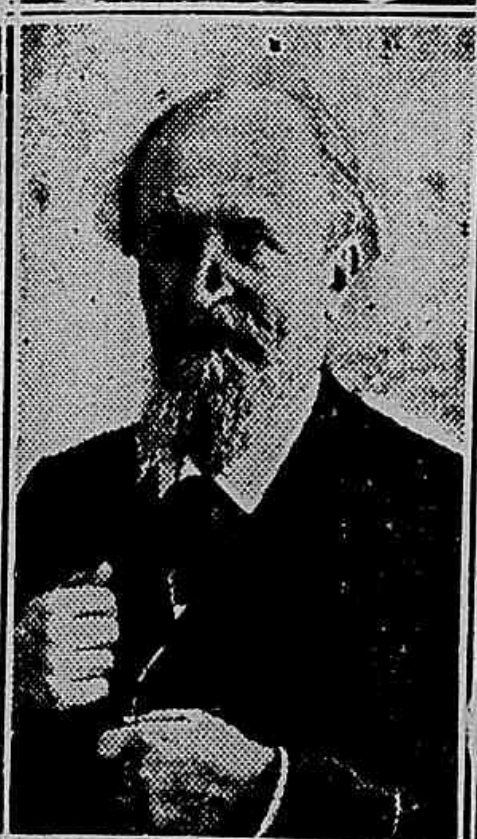
Collaboração dos maiores escriptores brasileiros.
Só publica ineditos. Traz a resenha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União.
Cada exemplar de 130 paginas: 2\$000, e 2\$500 no interior.

EDITORIA

A Grande Livraria LEITE RIBEIRO

NOVIDADE DO DIA

ACABA DE APPARECER



CONSELHEIRO X. X.

A BACIA DE PILATOS

5.º volume de chronicas
do CONSELHEIRO X. X. rela-
tivas ao anno de 1922

GRANDE VOLUME DE 430 PAGINAS:

BROCHADO..... 6\$000 | ENGADERNADO..... 7\$500

VOLUMES ANTERIORES:

I – Valle de Josaphat.

II – Tonel de Diogenes.

III – A Serpente de Bronze.

IV – Gansos do Capitolio.

BROCHADO.... 5\$000 | ENGADERNADO 6\$500

EDITORA :

GRANDE LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Ruas : Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

RIO DE JANEIRO

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso ter usado o

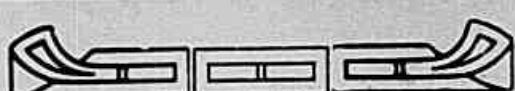
"SEXUOL"

Remedio providencial, de efeitos assombrosos incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opothérpica, feita segundo o methodo de Brown Sequard

Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS: **RIO DE JANEIRO — Hargreaves & Cia.**
Quitanda, 17
S. PAULO — Messias, Andreucci & Cia.
DROGARIA INTERNACIONAL - R. Quintino Bocayuva, 18



Um documento perdido

Não obstante a sua condição de dama chic, e de parochiana da Gloria, madame recusava confessar-se.

— Seria inutil, — justificava-se. — Mesmo porque, não tendo eu me confessado nunca, me esqueceria, provavelmente, da maior parte dos peccados.

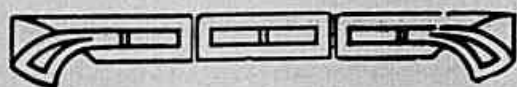
— Mas é para isso que ha o exame de consciencia, — explicava o sr. vigario da parochia — A senhora faz o seu exame, é, se tiver medo de os esquecer, pode tomar nota em um papel, para accusal-os, no momento da confissão.

Marcado o dia para este sacramento, madame chega á egreja, quando, de repente, exclama:

— Meu livro de orações!... Deixei-o no bonde... E o peor é que eu tinha deixado dentro d'elle a lista dos meus peccados, que o padre me havia recommendado!

E após um instante, socegando as amigas:

— Felizmente, eu só havia tomado nota... dos pequenos!



Agencia de "Publicações Mundiaes" de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Gosos e prejuizos no amor	1450
Perseverança no amor - por Eduardo Green....	1450
Enciclopedia do amor - collecção de phrases, pensamentos e anedoctas.....	3450
O estupro das virgens e os castigos de venus - Descripção geral dos phenomenos intimos da mulher	1450
Hygiene do amor - pelo Dr. Paulo Durand.....	2400
Physiologia do amor - Merlin - O amor livre e o amor conjugal entre diferentes povos - edição illustrada.....	2450
A vespera do noivado - conselhos aos noivos e aos recém-casados.....	1450
Mysterios do leito conjugal - descripção circumstanciada dos grandes segredos, excessos conjugaes, etc.	1450
Collecção illustrada de Paulo de Kock a 1\$500	
As ligas da noiva	A filha da porteira
Amor e ciumes	Educação de Flora
A rival de sua filha	A bella costureira
A filha perdida	As criadas de Paris
A filha do peccado - novella realista de Invernizio..	1450
Anedoctas de Bocagio.....	1450
A beira do leito.....	1450
A filha do Judeu.....	1450
Desgostos da vida dos casados.....	1400
As treze noites de Joanna.....	2400
Memorias de uma criada de servir - romance de aventuras galantes.....	3400

Collecção Garota a 200 réis

Um passeio ao campo || Uma aventura de amor
A ceia de Cleopatra || O banho de Adalina

Arte de se fazer amar por Mme. X X \$500

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES — REVISTAS
JORNAES E ALBUNS PARA BORDADOS, LIVROS,
FIGURINOS, FOLHETINS POLICIAES, ETC.

Pelo correio mais 500 rs. sobre os preços marcados.



Director: CONSELHEIRO X. X.

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

A EXPLICAÇÃO

Olhos de um verde claro, rosto moreno, de traços ingenuos e doces, Mathilde Sperguson constituia um desses tipos femininos delicadíssimos e suaves, em que se casam as virtudes, físicas e moraes, de duas raças diferentes. Filha de um honrado commerciante hollandez, casado no Brasil com uma senhora de sangue meslico, possuia, ao lado de uma curiosidade ardente de tropical, a innocencia, a pureza, a candura encantadora das mulheres do clima frio.

A sua intelligencia era, mesmo, um conjuncto dessas qualidades e defeitos. Gostava de ler e adorava o cinema, sem conseguir, contudo, comprehender as reticencias da palavra e da imagem, principalmente quando o assumpto, pela sua escabrosidade, exigia parcimonia nas suas particularidades mais intimas. E foi em consequencia, mesmo, dessa ingenuidade, que, uma tarde, com os olhos muito limpidos, pediu, no bonde, ao seu primo Carlos Baptista:

— Dize-me uma coisa, Carlos: que é que aconteceu á condessa Nadia, aquella da fita de hontem, quando ella foi, com o principe Nicolau, para o hotel aonde elle a levou?

Ligeiramente perturbado, o rapaz sorriu, contrafeito.

— Isso não se explica, Thildinha, — disse.

É com uma ponta de perversidade:

— Isso é cousa que só se comprehende quando se vê: sabe?

— Pois, eu queria ver...

A insistencia com que a menina falou no assumpto nos dias subsequentes, accordou no espirito do rapaz, estroina incorrigivel, a idéa de uma indignidade com aquella flôr, em

que elle confundia, mau, o perfume com o veneno. E foi absorvido por esse pensamento, que, uma tarde, prometteu á prima:

— Então, vamos fazer uma coisa: terça-feira vindoura, nós tomamos um bonde, e vamos a um passeio. Lá, então, tu verás como é. Vaes?

— Vou!

— Palavra?

— Palavra!

No dia combinado, saltaram os dois de um bonde em frente ao Bar, no Leblon, no ponto em que a linha faz uma curva, nas proximidades da praia. Enfiaram por um caminho estreito, e, dois minutos depois, batiam á porta de uma casa de aspecto familiar, onde uma senhora magra, muito maneirada, muito gentil, lhes foi apontando, logo, um compartimento, ao fim de um corredor.

O local não podia ser mais pittoresco, nem mais lindo. Pela janella escancarada, abria-se aos olhos dos dois um panorama que era um encanto. Logo em baixo da janella, começava a esplanada verde, limitada pela avenida asphaltada. E para além da Avenida, era a ondulação infinita do oceano, cujas vagas rebentavam nas pedras, coroadas de espuma.

— Que belleza!... — exclamou Mathilde, juntando as mãos claras, sem veias visiveis.

— É maravilhoso! — confirmou o rapaz. — É um deslumbramento!

O mobiliario do compartimento era singelo e ligeiro. Um «toilette» ordinario, com pedra cinzenta, duas cadeiras, um paravento, e, no centro, uma grande cama, com cortinado es-

NOVIDADE ELEGANTE



— Sabes quem morreu? O marido de Julia!

— Qual d'elles?



Arte !....

Elegancia !....

Distincção !....

Encontra V. Exa., sempre nos

VESTIDOS

— DO —

AO 1º BARATEIRO

AVENIDA RIO DE JANEIRO, 100

O MEU VISINHO DE CIRCO

CONTO DE RICARDO PRIETO

Uma destas noites ultimas, tive a idéa de ir a um theatro comico, onde trabalha uma famosa companhia de variedades, composta de attracções interessantissimas. Coube-me, porém, por sorte, para minha infelicidade, a vizinhança de um sujeito que levou todo o tempo me importunando.

A primeira vez que me viu applaudir, voltou-se para mim, com estranheza:

— O senhor já esteve em Londres?

— Não, senhor. Por que? — perguntei-lhe, por meu turno.

— Porque li ha cousa muito me'hor. O anno passado, eu assisti, lá, em um circo, á exhibição de duas mulheres que comiam fogo e, em seguida, se punham a dançar, abraçadas, sobre o fio de um sabre de cavallaria.

— Já é dançar! — observei.

E continuei a applaudir outro numero, que me agradou muito.

— Está se vendo que o senhor não esteve na Russia.

— Não, senhor.

— Pois, eu estive, e presenciei patinar sobre o gelo em pleno verão.

— Homem, isso é raro!

— Era gelo artificial, que depois era servido ao publico com assucar e aguardente.

— Devia ser bom.

— Pois, isso não é nada. Esteve em Nova York?

— Não, senhor.

— Pois eu estive. E lá vi um ciclista que dava volta ao scenario correndo por cima de quarenta ou cinquenta cabeças de homens.

— Homem! homem!

— Era interessantissimo, e nunca visto. Nem nas mais afamadas companhias da especialidade.

— Tinham os individuos a mesma altura?

— Não, senhor; havia grandes e pequenos, para tornar a carreira mais accidentada.

— Fortes cabeças deviam ter esses homens.

— Claro; eram todos casados.

Ao chegar o dialogo por esta altura, uma tempestade de palmas reboou, applaudindo o trabalho da «mulher interrogação». Como era natural, eu tambem applaudi.

— Com certeza não estive tambem no Egypto? — reatou o meu visinho.

— Não, senhor.

— Eu estive. Aquillo era maravilhoso. Em um local semelhante a um templo, egual aos dos Pharaós, vi dezeseite mulheres sem roupa nenhuma, bailando como nos tempos primitivos em torno de uma fogueira que desprendia labaredas de todas as cores.

— E só faziam isso?

— Depois, distribuiam cartões com o seu endereço.

— Isso queria dizer alguma cousa...

— Queria. Queria dizer que estavam dispostas a bailar a domicilio.

— Bailarinas para casa de padre.

— Nem mais nem menos. Ao sahir do Egypto, segui para o Mexico. O senhor já esteve no Mexico?

— Não, senhor.

— Eu estive. Em uma praça publica, vi um domesticador de aguias torcazes que se agarrava a uma perna de qualquer das aves apresentadas, e subia a uma altura vertiginosa acima do nivel do mar.

— E não houve nenhum desastre?

— De uma das vezes, escorregou a mão, e começou a descer dando voltas no ar. Antes porém, de chegar ao solo, foi apanhado por uma aguia salva-vidas, e não teve nada.

— E aquelle equilibrio, que lhe parece? — perguntei, indicando o artista que trabalhava na occasião.

— Está se vendo que o senhor não esteve na Nova Zelandia.

— Não, senhor.

— Eu estive. No meio de um circo romano, vi um artista que collocava na ponta do nariz o pé de um sofá, sustentando sobre o movel a sua mulher e a um rapagão, primo da mesma.

— Valente sujeito! — exclamei, sem me conter.

— Ao fim de algumas exhibições, porém, matou o rapaz e separou-se da mulher.

— Por que?

— Por ciúmes. Enganavam-no, os dois, no sofá... O senhor não esteve na China?

— Não, senhor.

— Eu estive. E na Suissa?

— Ainda menos.

— Então, não é para admirar que se enthusiasme com tão pouco.

Terminado o espectáculo, dirigi-me ao porteiro.

— Conhece aquelle cavalheiro? — perguntei.

— Sim, senhor.

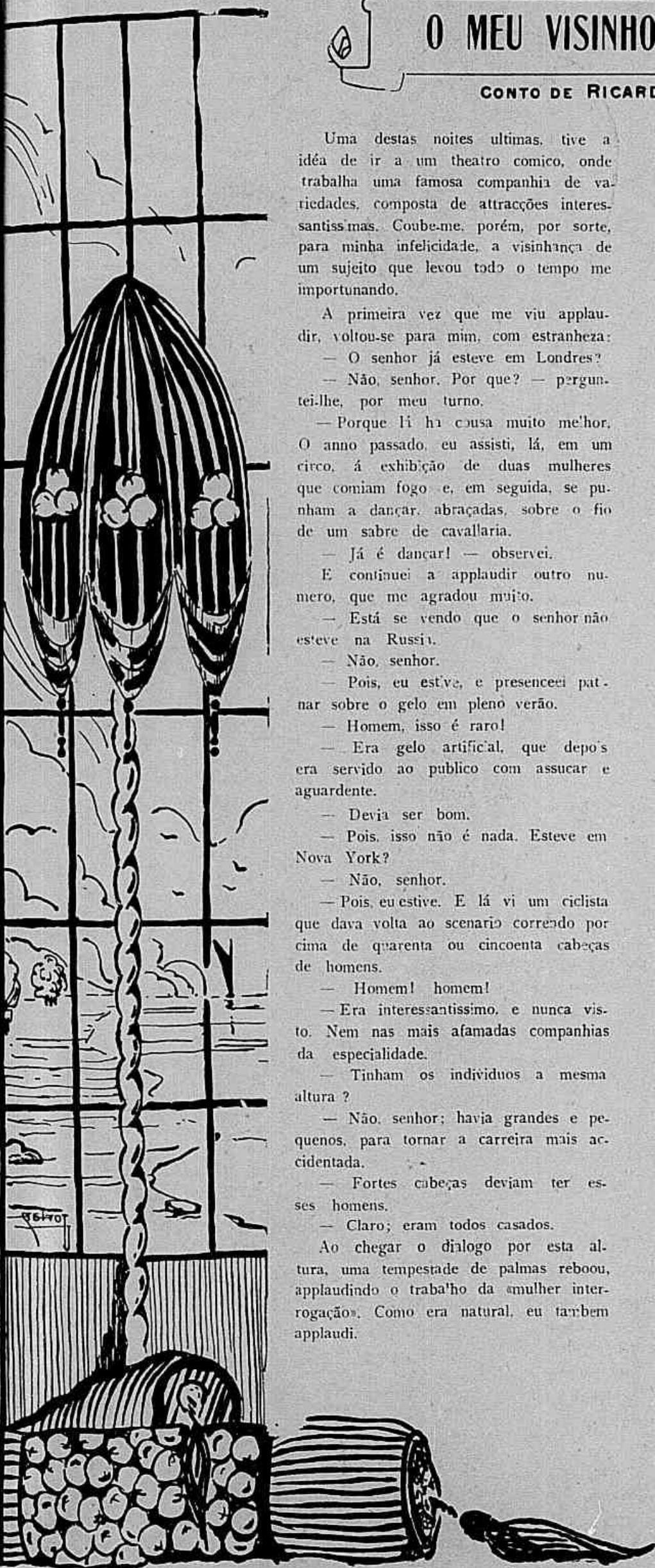
— E' um viajante?

— Não, senhor, — respondeu-me o empregado.

E sorrindo:

— E' um mentiroso!

Ricardo Prieto



O ESTUDANTE

Anecdota de ARTHUR FORD



O Paulo Braga andava pelos quatorze annos quando o pae, o commendador Augusto Braga, o mandou para o Rio, a estudar medicina. Um amigo, deputado federal, que aqui possuia, arranhou para o rapazola uma casa de familia, a de Dona Lourença Rodrigues, onde o nortista foi recebido como filho.

Viuva e idosa, a matrona tratou o estudante como se fosse, realmente, um rebento do seu sangue. E tão maternal se tornara com elle, que por mais de uma vez, o fizera adormecer, como uma creança, ao calor do seu coração.

A fim de dois annos de Rio de Janeiro, teve Paulo Braga uma surpresa agradável: sahiu do Collegio, em Petropolis, a Nininha, filha unica e encantadora de Dona Lourença á qual votou, desde logo, uma commoda amizade de irmão.

O resultado desse convívio foi, porém, o que se póde prever. Certo dia, ao empurrar a porta

do quarto da filha, encontrou Dona Lourença ao lado desta o estudante nortista, muito aconchegado, muito junto, a cabeça no regaço da menina.

Foi um escandalo. Chamado com urgencia do norte, o velho Braga veio ao Rio, e Dona Lourença, evitando rodeios e circumloquios, queixou-se, com a sua alma de mãe:

— Um ingrato, o Paulo, sr. commendador. Imagine o senhor, que o criei junto ao meu seio, ao calor do meu cõllo!... como se fosse meu filho!... Elle que lhe diga!

— Pois, o mal foi esse, minha senhora! O mal foi esse, — fez o ancião, solenne. — A senhora acostumou-o... E com gravidade:

— E quem sabe se o cõllo da sua filha não era mais quente?

Arthur Ford



voaçante.

— Descança um pouco, — pediu Carlos Baptista.
— É a explicação, quando é? — reclamou a menina.

Duas horas depois, refomavam, os dois, o bonde que passava perto, retornando á cidade. Pallida, agitada, a mocinha parecia preocupada. De repente, já em viagem, interrompeu as proprias cogitações:

— Carlos? — chamou.
— Heim? — attendeu o primo.

— Tu não te enganaste na explicação, não?
— Eu, não!
— A condessa Nadia passou, mesmo, por aqui?

— Passou, sim.

E Mathilde, numa contracção da face, como quem soffre:

— E ella sentiu alguma coisa quando subiu no bonde? Sentiu?

X. X.



FIGURAS PROMISSORIAS

AMADEU AMARAL

Capivary, a graciosa cidade paulista das vizinhanças da Serra Negra, era, já, ha quarenta annos, um importante nucleo de civilização sertaneja. Possuía varios documentos do progresso, e, entre estes, um, que era o seu orgulho naquellas terras: a «Gazeta de Capivary», semanario noticioso, politico e literario, dirigido pelo advogado João de Arruda do Amaral Penteado, de quem se podia dizer, como se dizia de Glycerio em Campinas, que era o «fogão da cidade». Ao regressar á casa, o velho João de Arruda tomava o filho nos braços, amimava-o, e dizia:

— Has de ser jornalista; sabes?

Quando fores homem, has de fazer da «Gazeta de Capivary» o primeiro jornal da provincia... Promettes?

Olhos muito azues, o menino declarava:

— «Prometto!»

Aos nove annos de idade, ahí por 1834, acompanhava Amadeu Amaral Penteado o pae á redacção do semanario, affeiçãoando-se ao cheiro da tinta. E aos doze seguia para São Paulo, consignado a um collegio, com a recommendação de que apurasse quanto possivel a sua educação litteraria.

O anno de 1892 corria agitado na capital paulista, quando, abandonando o internato, Amadeu Amaral Penteado se lembrou do conselho do pae. Nariz para o ar, comprido e fino, aspirou, fundo, o ar circumjacente. Em uma das ruas do centro, sentia cheiro de tinta de impressão. Subiu á casa de onde vinha o perfume. Era a redacção d'«A Platéia».

— Eu queria um logar de «reporter»... — pediu.

— Entende do officio?

— Eu sou filho do João de Arruda, de Capivary.

A recommendação não podia ser melhor. E um mez depois, com a vocação que lhe estava na massa do sangue, era o «enfant gaté» do jornal, onde a sua facilidade de escrever, invulgar nos principiantes, lhe deu direitos, logo, a um logar na redacção.

Foi por esse mesmo tempo, com dezesete annos, que o moço de Capivary começou a sentir umas coceiras misteriosas no coração. Tinha desejos de coçar com a penna, e não sabia como principiar. Imaginou uma nota de policia. Ideou uma noticia de roubo. Pensou num commentario politico. O segredo da sua alma não cabia, porém, em nenhum d'esses frascos litterarios. E foi, então, quando, passando a mão esguia pela testa vasta, exclamou, como Archimedes no banho:

— Eureka!

E decidido:

— Vou es-rever um soneto!

Os primeiros versos de Amadeu datam, as im, de 1892, isto é, do anno da Carta Constitucional. A sua musa nasceu com o pacto de Fevereiro. E d'ahi em diante, não foi mais possivel separar o poeta do jornalista, que ficaram ligados para o resto da vida.

Um e outro não tinham, entretanto, o nome que hoje usam. Filho de João de Arruda do Amaral Penteado, mais conhecido em Capivary pela commoda abreviação de João

de Arruda, Amadeu experimentou chamar-se, a principio, Amadeu de Arruda.

— A ama deu de arruda? — estranhou, num calemburgo horrivel, o director da «Platéa», a quem entregara o primeiro soneto.

O poeta ficou muito vermelho, e emendou a assignatura.

— Amaral Penteado? — tornou o director. — Muito bem.

E surgiu para as letras o poeta Amadeu Penteado, da casca do qual devia sahir, annos depois, como a borboleta sae da lagarta, o poeta Amadeu Amaral.

Passando de jornal para jornal, trabalhou o moço de Capivary em todos os diarios da Paulicéa. Em 1901, com 25 annos, publicou as «Urzes», volume de estréa em que enfeixava todas as rimas da mocidade. Saudado com effusão pela critica, publicou, annos depois, a «Nevoa». Em 1905, sendo tauchaua da sua tribu o indio Tybiriçá, e chefe de Policia o seu amigo Antonio de Godoy, provou, como secretario desse departamento, o vinho da burocracia. Não gostou, e tornou á imprensa, onde, em 1910, dirigia «O Commercio», quando rompeu a campanha civilista. Solidario com os partidarios de Ruy, não acceitou as condições, que lhe foram impostas, para render-se ao adversario. Abandonou, por isso, o jornal, indo trabalhar no «Estado de São Paulo», cuja attitude politica se coadunava, no momento, com as suas idéas.

Em 1912 deu Amadeu Amaral as «Espumas», livro forte, perfeito, definitivo, que o collocou entre os maiores poetas nacionaes. Vindo ao Rio a passeio, travou conhecimento com Bilac, de quem se tornou amigo. A sua modestia encantadora captivou o poeta da «Via Lactea», que não cessava de elogiar-lhe a alma, o coração, o character, a probidade.

— Bilac, por que você não casa? — perguntavam-lhe ás vezes os amigos.

— Eu? — estranhava o poeta.

E lembrando-se das almas perfeitas, que o poderiam comprehender.

— Eu só me casaria... se o Amadeu tivesse nascido mulher!

Amadeu Amaral é, realmente, uma das expressões mais legitimas da bondade humana. Poeta de grande surto, escriptor de estylo cuidado, não tem ambições, não sente invejas, não disputa o logar a ninguém. Si Alexandre lhe tirasse o sol á entrada do tonel, preferiria mudar de pousa a pedir o sol a Alexandre.

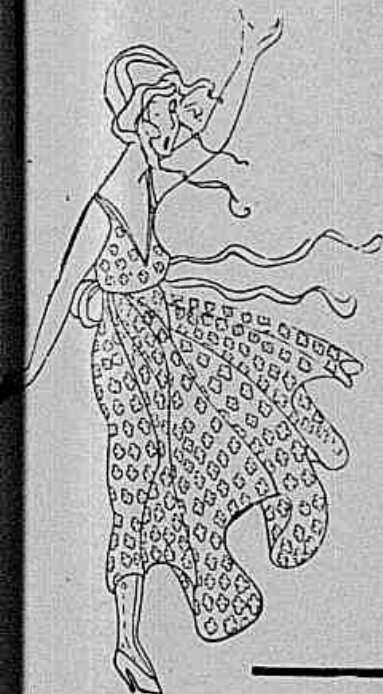
Eleito, na Academia Brasileira, para a vaga de

Bilac, é, dos successores, o unico, talvez, que teria sido conservado no posto si os successos ressusitassem. Bom e simples, é, na imprensa e na vida, um modelo de virtudes humanas, cu melhor, aq e la garça de Alberto de Oliveira, que atravessava o pul sem trazer, delle, um pinga de lama nas pennas...

Hoje, é Amadeu Amaral redactor-chefe da «Gazeta de Notícias», no Rio. Tem quarenta e sete annos, e é da Academia.

Que orgulho não teria do filho, si voltasse á terra aquelle infatigavel João de Arruda, da «Gazeta de Capivary»?!

RODIN



FIGURAS PROMISSORIAS

(Homens de Letras)

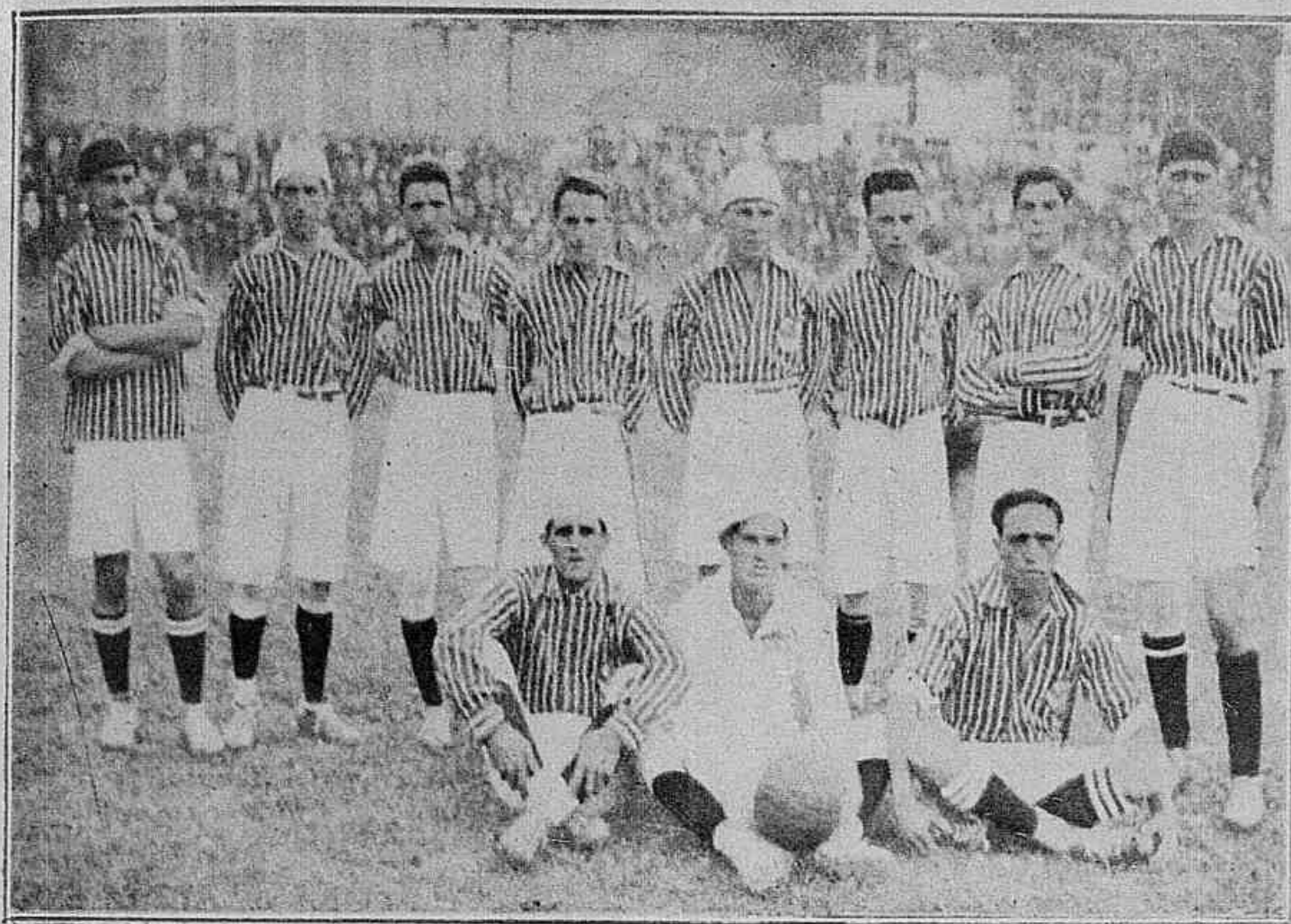


CONTINUA

AMADEU AMARAL

(Caric. de Kalixto)

O Foot-Ball nos Estados



10. team do Club Athletico Ipiranga, de São Paulo.

O TANGO

OCTACILIO GOMES

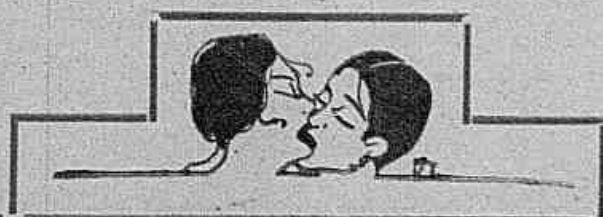
— "Venha dançar conmigo, sêo Rezende."
 — "Não sei, minha senhora, nem um passo
 Dessas danças modernas..." — "Ora, aprende."
 — "É difícil!" — "Tão fácil! dê-me o braço."

— "Preste atenção á musica... está certo...
 Ora, assim não! Segure-me bem perto,
 Remexa mais o corpo, eu não me zango..."

— "Sou capaz de jurar que se arrepende..."
 — "De professora bom papel eu faço."
 Enfim, o pobre moço condescende
 E a dama o arrasta com desembaraço. ...

Quando um vai para a frente outro se afasta;
 Assim... Tão fácil é dançar o tango!
 Rebolar os quadris é o quanto basta."

Octacilio Gomes





VOTO DE POBREZA

Conto de AFFONSO DE CARVALHO

Um mendigo, coitado!

Sujo, faminto, esfarrapado.

Pedia esmola. E o certo é que nenhum amigo

Se apiedava do pobre mendigo!

— «Uma esmola! Uma esmola!

Só dizia... E nada!...

Toda a gente passava descuidada,

Não lhe pondo um só nickel na sacola.

Foi então que surgiu um velho abbade

E disse, socorrendo-o num momento:

— «Deste mendigo, irmãos, tende piedade!

«Pois elle apenas quer entrar para o convento!»

«(Idéa mui louvavel

Que merece louvores com certeza

E, nisto, devem todos o ajudar!)

«E elle só quer a conta indispensavel

«Com que ha de

«Com a pesada despeza

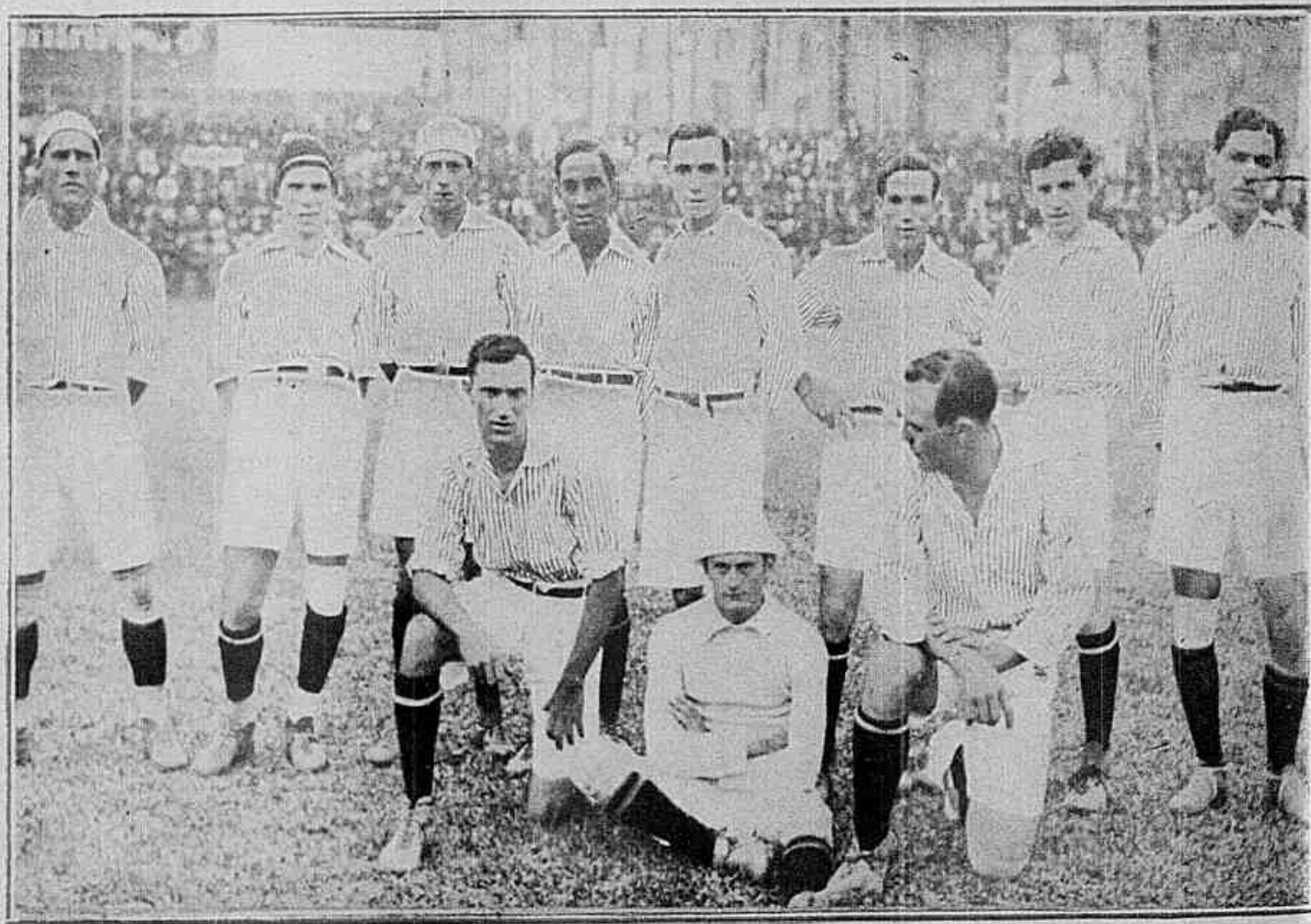
«Fazer a veste propria pr'a jurar

«Amanhã... o seu voto de pobreza!»

AFFONSO DE CARVALHO



O Foot-Ball nos Estados



10. Team do Minas Geraes F. C., de São Paulo.

GALERIA DE OURO E "COBRE"



JAYME DE VASCONCELLOS

(Do «Banco do Rio de Janeiro»)

(Caric. de Kallitop)

FIGURAS DE OURO E COBRE.

JAYME DE VASCONCELLOS

Quando se fala, no Ceará, nas virtudes da raça, aponta-se logo como exemplo o dr. Antonio Augusto de Vasconcellos. E accentua-se:

— E' filho como rato; e tudo trabalhador, decidido, espalhado por este mundo de Deus!

O dr. Antonio Augusto é, realmente, um patriarcha, na acceção cearense do vocabulo. Antigo professor da Escola Militar, que Prudente de Moraes extinguiu, viu-se, de repente, privado da companhia daquela rapaziada corajosa, e teve uma idéa: constituir, elle proprio, uma escola de cadetes, começando a pôr filhos no mundo, para defeza e gloria do Ceará. E com tal pertinacia realizou o seu programma de cearense legitimo,

que, ao fim de quinze annos, formava á porta da casa, em parada, um Exercito de dezeseite filhos, dos quaes, quinze varões.

O que mais custa nas descendencias não é, entretanto, pôr os filhos no mundo: é preparal-os para o mundo. E foi nisso que o dr. Antonio Augusto de Vasconcellos se assignalou no Estado, educando a sua prole na escola do trabalho, da coragem e da energia, a ponto de tornar-se, um dia, o pae mais feliz de todo o Brasil.

— Qual foi o homem mais feliz que conheceste nas tuas viagens? — perguntou Cresco a Solon.

— Foi Tello de Athenas; — respondeu o sabio. — Elle viveu em uma cidade florescente, teve filhos virtuosos e fortes, que lhe deram netos, e morreu combatendo pela patria!

Pobre embora, o velho educador cearense formou para a victoria uma verdadeira legião de trabalhadores. Com vinte e dois annos, Carlos de Vasconcellos enveredava, com a sua alma de «yankee» e a sua carta de engenheiro, pelas florestas palustres do Acre, com Placido de Castro, a cujo lado marchou na reconquista dos territorios occupados pela Bolivia. Um anno mais, e Antonio Augusto mandava para a mesma aventura a Arthur de Vasconcellos, portador de uma carta de medico, e Abner, e Jayme, bachareis em Direito. E ao fim de alguns annos, contava elle, espalhados pelo mundo, sete filhos formados nas escolas superiores do paiz, dos quaes, um engenheiro, um medico, e cinco advogados ou magistrados.

Nada mais commum, nas familias numerosas, do que o desvio de um ou dois dos seus membros. Nos grandes rebanhos nem todos os cordeiros são eguaes. O velho Antonio Augusto foi, porém, de uma felicidade inaudita. Adorado pelos filhos, não recebeu destes, jamais, um desgosto. As proprias filhas, cuja fraqueza lhe podia dar cuidados, equipararam-se aos rapazes pela energia, pelo espirito, pela paixão do trabalho: são educadoras intelligentes, professoras das mais illustres da sua terra, sem fazerem o menor peso, na villa, á velhice do pae ou á coragem dos irmãos.

Bacharelado no Ceará, onde advogava desde estudante, Jayme de Vasconcellos atirou-se, logo que se formou, para a miragem do Acre.

onde já estavam o Carlos e o Arthur. Animado pelo exemplo dos irmãos e do pae, não esmoreceu nunca. Si a fortuna dependia da actividade, elle havia de enriquecer. De canôa, de lancha, de balsa, descia rios, subia igarapés, advogando nos tribunaes dos varios departa-

mentos. Como não havia dinheiro corrente, recebia borracha, cauchó, e até sernamby, em paga dos seus serviços profissionais. O seu primeiro cofre para guardar esse «ouro», foi um barracão enorme, á margem direita do Xapury. E quando o barracão encheu, tocou-se rio abaixo, no rumo de Manáos, onde trocou o ouro negro por ouro amarello, com o qual se veio estabelecer, no Rio, com banca de advogado.

De uma actividade assombrosa, fez amizade com os juizes, e, ao mesmo tempo, com os maiores capitalistas da terra. Espirito cheio de iniciativa, não podia comprehender a paralyção dos capitaes, a inutilidade das fortunas, que podiam ser multiplicadas. Suggestiu idéas, traçou planos, levantou milhões. Amphibio no mundo dos negocios, oscilando entre o fóro e a Bolsa, mandou vir os irmãos, já formados em Direito, confiou-lhes o escriptorio de advocacia, e atirou-se, corajoso, á execução das suas idéas. Companhias de construcção, de exploração de minerios, de seguros, foram fundadas, e prosperaram. Um dia, com as reservas reunidas, fundou o Banco do Rio de Janeiro, com o capital de 5.000 contos. Installado a principio á rua da Quitanda, a nova instituição bancaria desenvolveu-se, tomou vulto, reclamando mais espaço. Um predio foi levantado á rua da Alfandega, para séde do Banco. Ao barracão de madeira da margem do Xapury, destinado a guardar borracha, succedeu o cofre de ferro, a prova de fogo, para guardar dinheiro. E é ahi que o antigo advogado acreano pontifica, entre papeis de credito e rumas de cambiaes, enquanto não chega a hora de ir «grelhar», com Renaud Lage, quem passa na Avenida, da almofada do seu auto ou da porta do Lopes Fernandes.

Proprietario e banqueiro, é Jayme de Vasconcellos, hoje, o ponto de convergencia de uma infinidade de empresas, de agencias, de companhias, mobilizando milhares de contos. Longe do Ceará, não esquece, entretanto, a sua terra e o seu povo.

— Por que você não entra para a politica? — indagam os cearenses da colonia. — Você bem que poderia arranjar uma cadeira...

— Uma «cadeira»? — faz o joven millionario, dando a volta na sua poltrona de rodizio.

E batendo com a mão, em cheio, na ruma de cambiaes:

— Prefiro este «banco»!

Roque Feller

deixará de ir ver mais uma vez aquelles deliciosos flagrantos da vida da Amazonia, os aspectos imponentes do rio-gigante, a flora maravilhosa e a fauna curiosissima daquellas regiões longinquoas?

Adaptação ao cinema da formidavel obra de d'Annunzio, o Poeta Soldado, «A Nave», é uma obra perfeita pela encenação, execução e desempenho. Breve será exhibido ao publico esse film adquirido pela empresa Matarazzo & C.

O Capitol Theatre, de New York, possui o que ha de melhor em materia de conforto e elegancia; dispõe de 5.300 logares, esse monumental cinema.

Harriet Hammond, a linda banhista da Mack Sennett é uma excellente athleta, praticando todos os sports e especialmente a natção. Loura e de olhos azues, a encantadora actriz é segura garantia de successo para os films em que apparece.

Emile Chautard foi contractado pela Universal para dirigir um film que se intitulará «For saking All others». Ainda não foram escolhidos os artistas que nelle apparecerão.

Frank Mayo terminou ha pouco o film «Altar Stairs», e já começou a posar «The Hot Head». «Altar Stairs» foi escripto por G. B. Lancaster e a acção se passa nos mares do sul. Louise Lorraine e Dagmar Godowsky apparecem ao lado de Frank Mayo nesse film, que foi dirigido por Lambert Hillyer.

Priscilla Dean de-verá posar para a Universal o novo film «Drifting», sendo director Tod Browning.

Lillian Rich foi escolhida para leadingwoman de Herbert Rawlinson em «One Wonderful Night», dirigida por Stuart Paton.

Shirley Mason nasceu em Brooklyn, New York, em 1901. Estreou no palco aos quatro annos de idade, ao mesmo tempo que suas duas irmãs Viola Dana e Edna Fluegrath. Suas primeiras produções no cinema, foram para a Edison, onde se revelou uma grande artista. Pouco depois entrou

para a Fox. Shirley Mason é grande apreciadora da vida ao ar livre; nada, rema, dirige um automovel... Mas o seu maior prazer consiste em tocar ou ouvir musica no silencio e recolhimento de sua residencia.



Lara Anson, aprendendo a nadar com Duke Kahanamoku no film "The Impossible Mrs. Bellew"

Alice Brady, Mary Pickford, e finalmente começou a apparecer nos films de Cecil B. De Mille («Esposas velhas por novas»). Elliott Dexter pratica todos os sports.

Mildred Harris, esposa divorciada de Carlito, é apaixonada de todos os sports, especialmente da aviação.

Jackie Coogan está fazendo para a First National o film «Circus Days», antes de começar a trabalhar para a Metro.

Dirige-o Eddie Cline, que tem dirigido muitas comedias do genero.

Earle Williams tem 43 annos de idade.

Dizem que Carlito vae fazer replica ao film «Bella Donna» de Pola Negri.

DR. PAPA-FITA.



Kathlyn Clifford, no film "Kick In"





CHRONICA

Bate mais uma vez ás portas da Justiça a Rainha da Belleza. Já uma vez foi atenciosa; sel-o-ha também agora? Chi lo sa?

No entanto, a mim se me afigura mais justa a sua pretensão de hoje, visando controlar o film que posou com o fito de retirar as scenas que julgue prejudiciaes aos seus legítimos interesses; sim, são justas as suas pretensões, mas terá ella o direito de exigir agora essa fiscaliza-

interessada uma fiscalização directa e rigorosa que lhe assegurasse a sua parte nos lucros fabulosos que irá produzir o film.

Mas não; fiscalizada, não pode fiscalizar; obrigada a cumprir todas as clausulas do contracto, é impotente para obrigar a cumpri-las a outra parte contractante.

Bella obra de um magnifico advogado. Pobre Rainha da Belleza!...

M.

As grandes emoções que desperta o novo film que a Fox nos promete para breve são a segura garantia do éxito que alcançará nos salões da Avenida. «A Toda a Velocidade» é uma super-produção que faz parte da serie de sete films especiaes que a Fox tem em preparação.

A acção começa em Dixieland, por ocasião dos famosos e historicos torneos hippicos daquella localidade do Mississippi e o interesse vaee crescendo á proporção que o enredo se forma, para culminar finalmente no ultimo capitulo.

Corridas de obstaculos, quedas perigosas, explosões, corridas a cavallo e de automovel, lutas emocionantes entre as aguas revoltas e o indio voraz, eis o que é «A Toda a Velocidade».

Lina Cavalieri nasceu em Roma, Italia, em 1874; sua estréa no palco realizou-se em Lisboa, em 1900 e sua primeira apparição em palcos americanos foi em 1906, na Opera House de New York; attrahida pela scena muda, posou alguns films para a Paramount, entre os quaes «As duas Noivas».

Louise Fazenda, a famosa actriz da Mack Semett, que tão grotesca parece nos seus films, é uma das mais bellas artistas cinematographicas americanas. Tem os cabellos louros e lindos olhos azues.

O Parisiense fará passar dentro de breves dias o film «No país das Amazonas» que tanto éxito teve quando de sua primeira exhibição; quem

lização? Pois si existe o contracto que a liga á Boteho Film, não haverá nesse contracto uma clausula nesse sentido? Não, não, hi; não conheço o contracto, mas estou certo, certissimo de que não ha nada. Porque em tal contracto figura de um lado uma moça inexperiente e do outro uma empresa; empresa diz tudo: dinheiro, advogados, etc. Eu não conheço esse contracto, repito; mas não receio affirmar, com certeza de me não enganar, que o advogado de Sua Magestade a mais Bella não nasceu para advogado, porque não é advogado quem se deixa prender, ou á parte que representa, nas malhas de um contracto leonino tal como se me afigura este.

Tarde, talvez muito tarde mesmo, se apercebeu essa moça do verdadeiro sentido dessas clausulas capciosas que a tornam prisioneira, não a deixam sair de casa senão em automovel fechado, que a obrigam a fugir apavorada ás objectivas das machinas cinematographicas, como aconteceu recentemente quando da visita a Santos dos estudantes cariocas; com todos os premios que ganhou não conseguiria ella talvez pagar a multa formidavel que o contracto certamente estabelece.

Ainda mais, tudo isso seria muito justo, tudo muito direito se houvesse ou pudesse haver da parte da



Alice Maison e Lucile King.



O CAIXEIRO

Conto de AGUIALDO PEREIRA

Vida soturna, passada no fundo lô-brego da loja, naquelle lugarejo morto, onde somente troava, como dithyrâmico da alegria, o bimbalar barulhento do sino, e do secco estralejar dos foguetes. Mesmo assim espaçadamente, aos domingos.

E isso mais o enfiava, anesthesiando-lhe o organismo num tédio chloroformisante. Ademais, deixar o conforto, o prazer perenne do Rio, submeter-se, bai-

xamente, ás ordens rispidas de um bruto como era aquelle Pedro Coimbra...

Mas, um dia, o recanto triste da loja, onde passava as doze horas vasiamente, transmudou-se num delicioso paraíso: era que o patrão, esse Pedro Coimbra mal educado, se casára com a estonteante Izolina, morena forte e com dezoito annos incompletos.

Após o casamento, depois do almoço do dia seguinte, toscanejava num canto escuro do balcão, quando o casal entrou unidinho, e foi occupar a outra extremidade.

O vozeirão cavo do marido rolou:

— Vamos jogar uma partidinha de escopa, meu bem?

— Vamcs. Mas jogaremos qualquer cousa.

— Um beijinho? Serve?

— Serve. Mas só isso? — fez a mulher num desconsolo.

Jogada a partida, elle ganhou-a, e uniu a bocca, com estrepito, aos labios rubros da esposa.

— Beija de vagar, filhinho, beija sem ruido. O caixeiro escuta.

— Qual! Está dormindo. Agora vamos jogar...

— um abraço... — completou a morena.

Na terceira partida, o marido avisou.

— Vamos jogar agora...

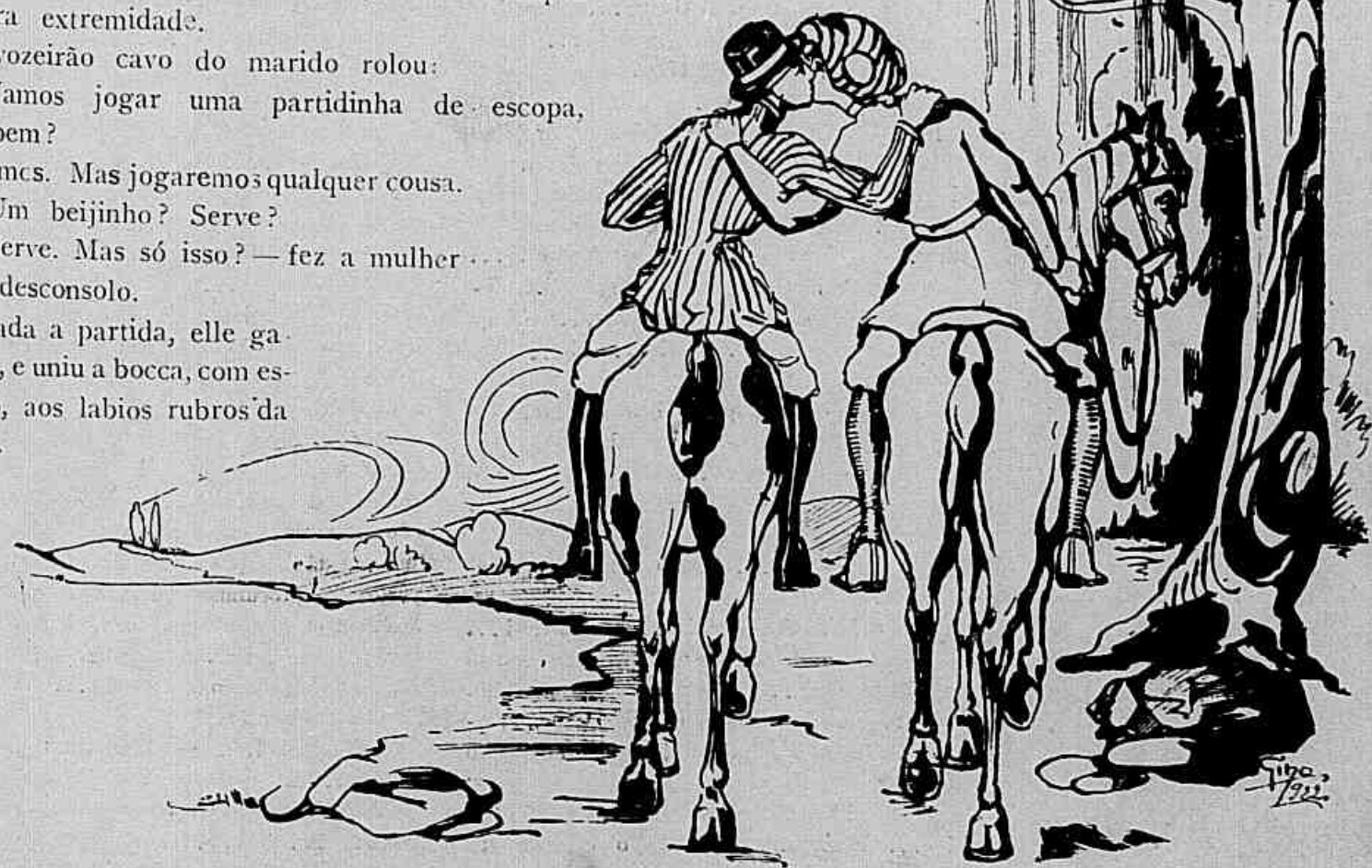
E sussurrou-lhe qualquer cousa ao ouvido. Antes, porém, que ella respondesse, o caixeiro, não se contentando mais, ergueu-se de um salto:

— Patrão! Patrão!

E ante o espanto dos dois:

— Põe carta p'ra tres!

AGUIALDO PEREIRA



A TACTICA DO SOBREIRA

(Sobre um conto de G. A. de Vissant)



— E' o que lhe digo, meu caro: as mulheres são como os problemas de algebra: só não as entende quem, mesmo, não comprehende a materia. E aqui estou eu, com o meu caso, para demonstrar-lhe o contrario.

Olhos injectados e enormes, de quem passa as noites acordado, barba por fazer, chapéu de massa alirado para o cocoruto, Alfredo Sobreira derramou pela garganta, de um trago, o seu calice de paraty, limpou o bigode de vassourinha com a manga do casaco, e narrou o tal caso.

— Imagine você, que me cahiu nas mãos uma das raparigas mais chics que São Paulo tem mandado ao Rio, nestes ultimos tempos... A Vivi... Conhece? Filha de italianos, nem alto, nem baixa. Uns olhos de fogo, de mobilidade espantosa, e de uma elegancia, de um «charme», capaz de arrastar multidoes!

Bateu no zinco da mesa, e pediu, de novo:

— Garçon! outro «nectar»!

E reafando a historia:

— Apresentando a ella pela Ni-

nette, a do Frias, não sei que foi que a rapariga encontrou em mim, que se agarrou, como carapato. E' verdade que eu tinha para ali uns pares de contos, no Banco. Montei para ella um «apartement», que era um encanto. Acabado, porém, o «cobre», comprehendi que era demais na casa, e pretendi retirar-me. Tors foram, porém, os pedidos, as juras, as supplicas da pequena, que fiquei, mas com a condição de ir-lá, apenas, um dia sim, outro não.

Virou o calice, e continuou:

— No dia seguinte ao desso combinacao, soube, pela Ninette, que a Vivi andava atraz de um «coronel», que a visitasse um dia não, outro sim. Compreendi o jogo, e levei as mãos á cabeça. A rapariga pretendia trahir-me, procurando quem a sustentasse, conservando-me, embora, na qualidade de «amant du cœur». Fiquei commovido com aquella dedicacao, mas, ao mesmo tempo, entiumado. E foi, então, quando tive esta idéa luminosa, de que dependerá, talvez, no futuro, a felicidade de todos os lares.

E, para o balcão:

— Garçon! renova isto!

Servido novo calice, reatou:

— Informado do que pretendia a Vivi, arranjer uma roupa do Torres, aquelle gordo, do Senado, e, á noite, fui para o Assyrio, com umas barbas postiças, que me vinham aqui, pelo peito. Solemne e grave, impressionei, logo, a rapariga, a quem fui apresentado como fazendeiro paulista, de passeio no Rio. E, pela madrugada, lá estava eu dormindo, com barbas, e com outro nome, na mesma cama em que havia, sem ellas, dormido na vespera!

— Admiravel! — fiz eu, como quem acredita.

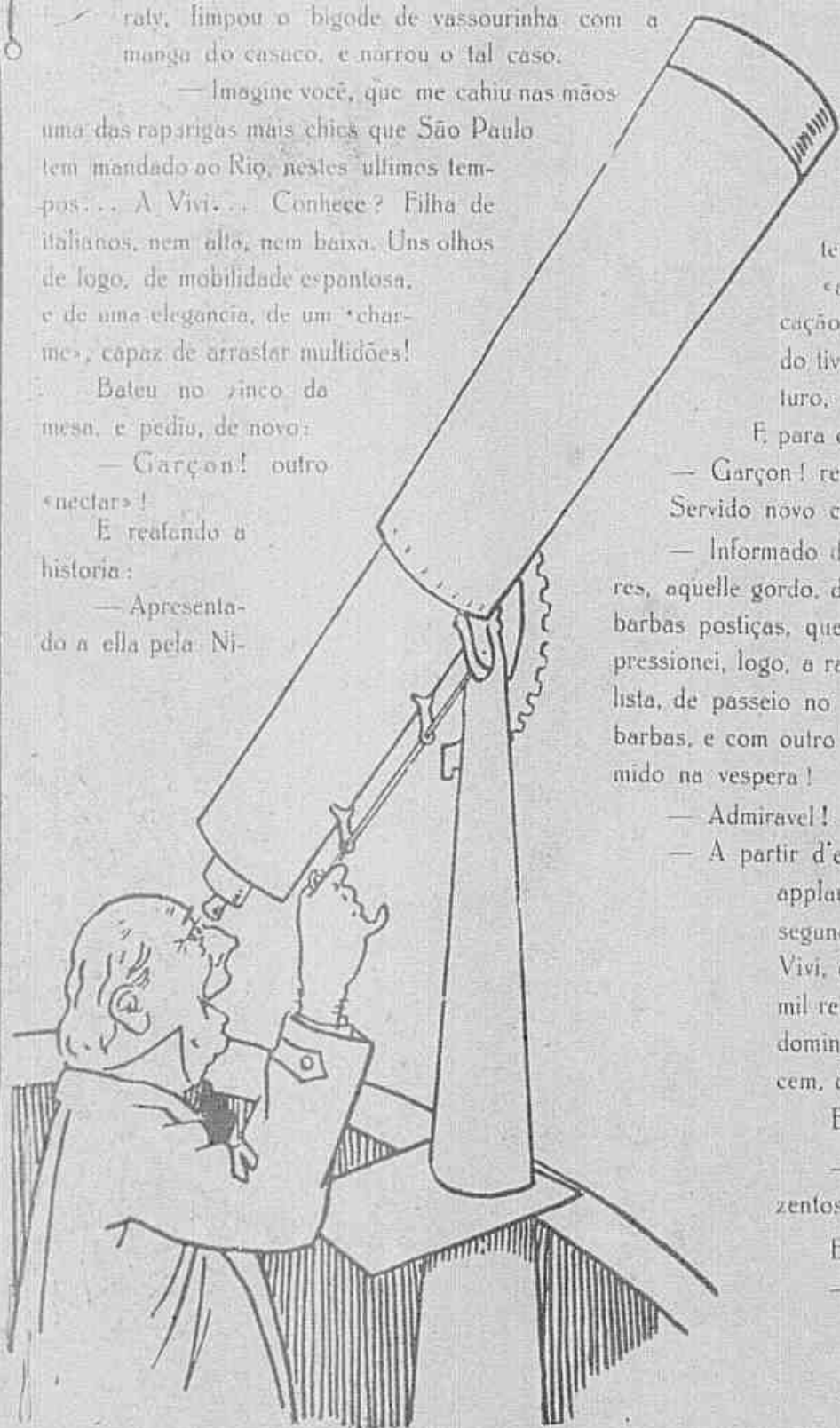
— A partir d'esse dia — continuou Sobreira, satisfeito com o meu applauso: — a partir desse dia, organizei assim, a vida: ás segundas, quartas e sabbados, quem vae para a casa com a Vivi, é o fazendeiro, velho de barbas, que lhe dá duzentos mil reis, ao sahir de manhã. E ás terças, quintas, sextas e domingos, vou eu, isto é, vae o velho sem barbas, que trae cem, dos duzentos que deixou de manhã!... Genial! não é?

E esfregando as mãos:

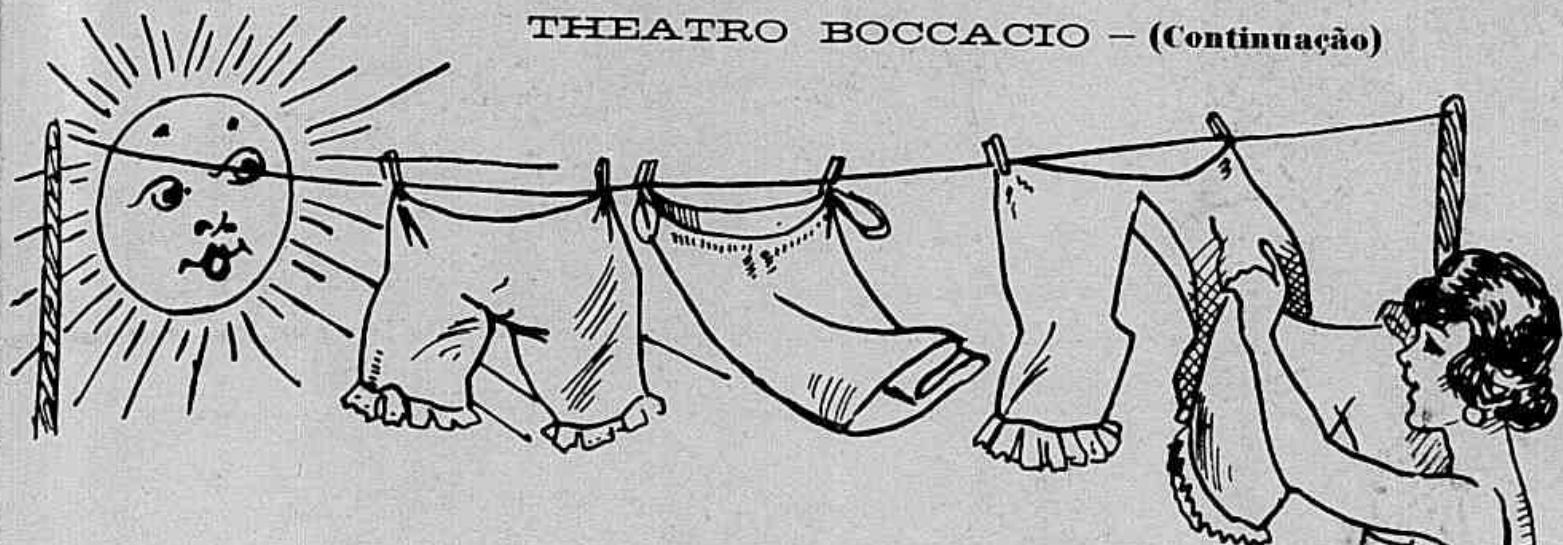
— Por signal: podes passar-me, ahí, uma de duzentos?

E ao meu ouvido:

— Hoje é noite do fazendeiro...



THEATRO BOCCACIO — (Continuação)



tambem hei de entrar-lhe pelo canastro a dentro...

JOÃO MARIA — Estás doido? Aquillo não é contigo... dou-te a minha palavra... aquillo é com o Honório...

AURELIO — Como é que sabes?

JOÃO MARIA — Porque sei... E' boa... Aquillo é com o Honório...

AURELIO — Conheces então o miseravel que escreve aquellas torpezas?

JOÃO MARIA — Torpezas, não... Aquillo é uma columna de verve e de espirito... Eu não escrevo torpezas...

AURELIO — Aquillo é teu? Desculpa, João Maria... podias ter dito logo...

JOÃO MARIA — Muito obrigado...

AURELIO — Não vale a pena a gente se aborrecer por um mal entendido... Até depois...

JOÃO MARIA — Viva, meu amigo... vocês fazem as torpezas... eu apenas as enfeito com humor... e ao fim sou eu o autor das torpezas... (retoma a leitura da columna de Marforio.)

SCENA III

João Maria e Lucrecia

LUCRECIA (entrando agitada) — Miseravel!

JOÃO MARIA (saltando da cadeira) — Como? Está doida?

LUCRECIA — Doido está você... se imagina que isso vae ficar assim...

JOÃO MARIA — Isso que? Não sei de que se trata...

LUCRECIA — Mas olhe... sou mais leal do que você... não me escondo no anonymato... Vou fazer o escandalo em cheio... hade ser lá mesmo no Alvear... ás cinco e meia... na hora de mais movimento... Você vae vêr. Estou prevenindo lealmente... você vae ver como a Madame Orchidéa...

JOÃO MARIA — Orchidéa... Não diga orchidéa... que não é direito...

LUCRECIA — Você vae ver como a Madame Orchidéa... orchidéa... ou orchidia-bo... sabe quebrar uma sombrinha na cara de um pasquineiro...

JOÃO MARIA — Mas você está doida?... Com quem é isso tudo?

LUCRECIA — O cynico ainda pergunta...

JOÃO MARIA — Cynico... porque? Que diabo tem você com Madame Orchidéa?

LUCRECIA — Não se faça de innocen-

te... Quando sahi do Alvear com o Adolpho... bem notei o seu sorriso maldoso... eu estava adivinhando a perfidia...

JOÃO MARIA — Vejam como se arma o braço de uma mulher... e a desgraça de um homem... Aquillo não é com você... nem com o pobre Adolpho... Aquillo é com o Honório...

LUCRECIA — Então a Madame Orchidéa...

JOÃO MARIA — Madame Orchidéa... é a mulher de Honório... você não viu logo?... Arre... Nem parece uma mulhet intelligente...

LUCRECIA — Prefiro ser pouco intelligente a servir de chalaça para os outros... e a viver agarrada aos troncos apodrecidos... (sac).

(João Maria retoma a leitura da Columna de Marforio).

SCENA IV

João Maria e Honório

HONORIO (entrando) — Ah... Você está gosando a Columna de Marforio?...

JOÃO MARIA — Eu?... Absolutamente... Nem li ainda... Como vae voce Honório? Está bom? E a exma. senhora?... Tem passado bem? Ha muito tempo que não a vejo... Está fóra?

HONORIO — Está boa... Ainda sabado ella o viu na Alvear...

JOÃO MARIA — E' possivel... mas não me recordo...

HONORIO — Sabe que é que eu vim fazer aqui?

JOÃO MARIA — Não.

HONORIO — Vim para conhecer o autor dessa Columna de Marforio...

JOÃO MARIA — ?.....

HONORIO — Quero dar-lhe um aperto...

JOÃO MARIA — Um aperto?...

HONORIO — Um aperto de mão... por aquella historia de madame Orchidéa...

JOÃO MARIA — Orchidéa?... Porque é que você não diz orchidea?

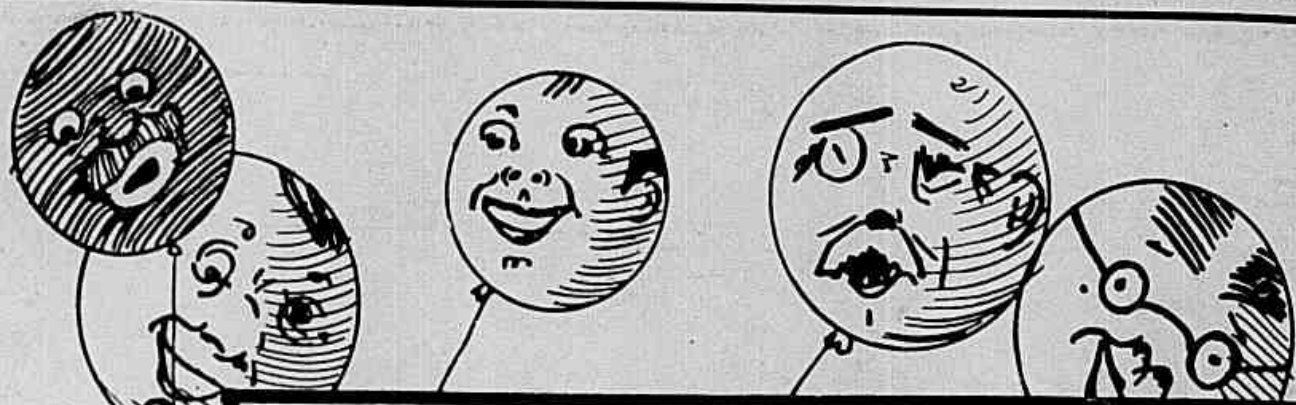
HONORIO — Porque orchidea é burrice...

JOÃO MARIA — Adeante.....

HONORIO — Gostei muito... Está magnifico... O Rocha Penna a esta hora deve estar furioso... Mas olhe que elle é violento... Isso pode acabar em sangue...

JOÃO MARIA — Mas... aquillo não





THEATRO BOCCACIO

O TELHADO DE VIDRO

Comedia de JAN RICHORA

Personagens: João Maria — homem de letras. — Xisto. — Aurelio. — Lucrecia. — Honório. — Celestina.

ACTO UNICO

No gabinete de João Maria. Bureau americano; grupo maple etc. 2 horas da tarde.

SCENA I

João Maria e Xisto

JOÃO MARIA — Viste o ultimo numero da Revista Galante? Está delicioso. A Columna de Marforio então...

XISTO — Ainda não li.

JOÃO MARIA — Tens gostado?

XISTO — Algumas vezes...

JOÃO MARIA — Pois agora tens de gostar sempre... Aquella secção é minha...

XISTO — Bem eu andava desconfiado...

JOÃO MARIA — Vaes ouvir a ultima... (abrindo a Revista Galante) Está aqui... A Columna de Marforio. (lendo) Madame Orchidea...

XISTO — Como? Orchite?

JOÃO MARIA — Orchidea... Não has de querer que eu diga orchidéa... como todo mundo diz erradamente...

XISTO — Pois sim... vamos adiante...

JOÃO MARIA (retomando a leitura) — Madame Orchidea — Ella sah'a do Alvear ás seis e meia. A seu lado caminhava abstracto, quasi inconsciente, o conhecido homem de letras. — Alguem explicou: — Ah! está... Madame Orchidea... E' isso mesmo... Vi-a agarrada ao tronco apodrecido... (rindo gostosamente) — Ah... Ah... Ah... Que te parece? Está delicioso.

XISTO — Mas quem é a victima?

JOÃO MARIA — A orchidea?

XISTO — O tronco...

JOÃO MARIA — Pois não viste logo?... E' o Honório.

XISTO — Ah... Então isso é com o Honório?

JOÃO MARIA — Sei que é horrivel... mas eu tenho de castigar a falta de olfacto daquella mulher... Viver ao lado do Honório... Dormir talvez no mesmo leito...

XISTO — Mas que diabo já te fez o Honório?

JOÃO MARIA — A mim elle só tem feito... nauseas... Quando o encontro te.

nho a mesma impressão de Rochefort sempre que encontrava Zola — «Il doit parfumer son linge en petant dessus...»

XISTO — Estás cruel...

JOÃO MARIA (rindo e batendo no hombro de Xisto) — No proximo numero será a tua vez...

XISTO — Espero que até lá o Honório já tenha cortado a tua mão direita...

JOÃO MARIA — Vaes ver como na hora elle se engana e acaba cortando a sinistra... Para elle a mão verdadeira é a esquerda...

XISTO — Estás hoje muito cruel. Parece que me torno cúmplice ouvindo essas coisas horribes... Até logo... (Sae) — (João Maria, ficando sózinho, relê a Columna de Marforio, gesticulando e applaudindo a si mesmo).

SCENA II

João Maria e Aurelio

AURELIO (entrando) — Já leste hoje a Columna de Marforio?

JOÃO MARIA — ... Estou acabando de ler... Porque?

AURELIO — Só queria saber quem é o miseravel que escreve aquella torpeza.

JOÃO MARIA — Torpeza?... Não vejo... Que é que tens com aquillo?

AURELIO — Pois não viste logo? E' obra de um despeitado... Eu sabbado estive no Alvear... Ao sahir encontrei a Margot... Caminhamos juntos até a Brahma... Quiz dar-lhe uma orchidea que trazia na lapella...

JOÃO MARIA — Diga Orchidea... é melhor...

AURELIO — Seja lá como for... orchidea ou orchidéa... o caso é que ella não acceitou, dizendo: «Fica muito bem ali onde está...» Com certeza o miseravel ia perto... procurando ouvir a nossa conversa... apanhou a phrase no ar e glosou... Pois eu tambem vou glosar-lhe a pelle, se o apanho... será o verbo todo conjugado... porque elle apanha tambem...

JOÃO MARIA — Não faças semelhante coisa... E' um equivoco de tua parte...

AURELIO — Qual equivoco... Está claro... clarissimo... Entrou-me pelos olhos...



O VELHO GOMIDE

CONTO DE GIOVANNI MORELLI

A família Barbosa Gomide provinha, remotamente, do ramo de Garganua. Justificando as suas funções neste mundo, o velho Gomide costumava dizer, com orgulho:

— Ha quem coma para viver; nós, os Gomide, vivemos para comer!

Varias aneddotas que andam por ahi sem autor, nasceram na vida pratica da familia. Certa vez, encontrou-se Polycarpo Gomide com um antigo companheiro de escola, o Barreto Feio, quando este o convidou para jantar. Entrados na casa deste, e servida a refeição, Polycarpo atirou-se aos pratos como se jejuasse ha duas semanas. Correcto, polido, Barreto Feio comia com discreção, quando começou a contar, suspendendo o talher, a morte do seu pae.

— Foi uma cousa dolorosa, esse golpe. O velho, ha mezes, não se sentia bem. A's vezes, acordava sem folego, anciando, como se estivesse a morrer. Chamava-se medico, vinha gente, e cessava tudo. Essas crises foram se tornando, porém, mais frequentes, quasi diarias, até que, em uma d'ellas, começou a debater-se, os olhos fóra das orbitas.

E, a voz pausada, o talher na beira do prato, contou, minucioso, o que havia sido a agonia do ancião, até que o seu espirito se desprende de este mundo. Enquanto isso, Polycarpo Gomide enforava comida, atirando garfadas á garganta como quem atira terra a um buraco. E ia Barreto Feio retomar o talher, quando indagou:

— E o teu pae, como morreu?

Comprehendendo a inconveniencia das narrações detalhadas, Polycarpo não levantou a cabeça do prato. E foi com a bocca repleta, e o garfo cheio, que respondeu, synthetico:

— De repente!

E continuou a comer.

De outra feita, conversava-se sobre gastronomos, quando Gomide informou:

— Meu pae era um excellente homem de mesa: comia de agor, lentamente, mas passava tres horas ao almoço. Minha mãe, era o contrario: comia depressa, mas levantava-se em cinco minutos.

— E você? — indaga alguem.

— Eu sahi aos dois, — informou Gomide.

E com sinceridade:

— Como depressa, á semelhança de minha mãe, e levo tres horas á mesa, como meu pae!

Educados nesse regimen, os filhos de Polycarpo Gomide, e de Dona Aurora constituíam o pavor, o espantinho, o pesadelo das familias que davam festas. Onde elles chegavam, era uma devastação. Empaças, bolos, doces, pasteis, tudo desaparecia na bocca dos rapasolas, um dos quizes, o Altino, chegava a ter duas carrinhas de dentes.

Certa noite, convidados para uma reunião festiva na residencia dos Prado Pereira, Dona Aurora e os tres filhos ahi chegaram por volta das nove da noite, e foram, logo, farejando a sala de jantar. Mais faminto do que os irmãos, o Altino enveredou pela casa, indo ter á copa, enquanto a mãe, e os dois manos, davam parabens á aniversariante. No interior da casa, o pequeno Pantagruel estava desolado: os pratos, as composteiras, as garrafas, as terrinas, estava tudo vazio, mostrando que elles haviam chegado, d'aquella vez, atrasados.

Bocca cheia de saliva, olhos tristes, physionomia de quem acaba de soffrer uma decepção, o Altino retornou, immediatamente, á sala, á procura de Dona Aurora. E ao vela, foi, logo, exclamando:

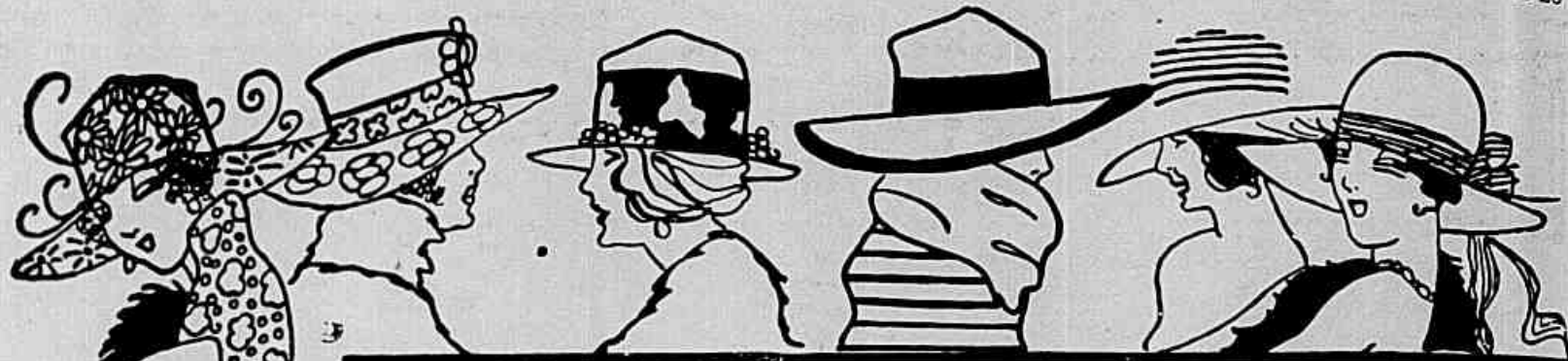
— Sabe, mamãe? Papae já esteve aqui.

E num gesto largo, de quem varre diante de si:

— Não tem mais nada p'r'a gente comer!...

Giovanni Morelli





THEATRO BOCCACIO — (Conclusão)

é com elle...

HONORIO — Como não é? Então você sabe? Só pode ser com elle.

JOAO MARIA — Pois não é... posso dizer... aquillo é meu.

HONORIO — Ah... é seu?... Pois dou-lhe os meus parabens. Está magnifico... Mas se não é com o Penna... com quem é então?...

JOAO MARIA — E' boa... Não é com pessoa alguma... Vocês acabam me encrencando... E' uma fantasia... Eu estava sem assumpto... E' uma fantasia...

HONORIO — Pois olhe, é pena...

JOAO MARIA — Não é o Penna... Não senhor... dou a minha palavra...

HONORIO — Não é isso que eu digo... E' pena ser uma fantasia... se fosse um «potin» valia ouro... Está muito bom... muito bom mesmo... (vendo as horas). O' co'os diabos... quasi duas e meia... até logo... tenho de esperar a patrão...

JOAO MARIA — Até logo, Honório... Recommendações... Adeusinho...

(Honório sai e João Maria retoma a leitura da Columna de Marforio, relendo pela nona vez o seu escripto).

SCENA V

João Maria e Celestina

CELESTINA (entrando agitada, com um numero da revista Galante na mão) — Ah... já tens ahí...

JOAO MARIA — Que?...

CELESTINA — Este pasquin ignobil...

JOAO MARIA — Que pasquin?...

CELESTINA (mostrando) — Esse mesmo... Estás lendo a tal columna de Marforio?

JOAO MARIA — Sim... já li...

CELESTINA — Eu só queria descobrir o autor dessa porcaria.

JOAO MARIA — Para que?

CELESTINA — Ainda perguntas? Para que? E' bôa... Para fazer uma bucha e enfiar-lhe pelos queixos... esse lixo... Só me admira a tua calma...

JOAO MARIA — Homessa?... Porque não estarei calmo?...

CELESTINA — E' preciso ter sangue de barata... nunca pensei que fosses tão insensível aos insultos...

JOAO MARIA — Insultos... como?...

CELESTINA — Pois não estás vendo com quem é isso?

JOAO MARIA (sorridente) — Assim á primeira vista, não se percebe bem com quem é... Ha tantas versões... Cada um diz uma coisa... Seria interessante saber a tua impressão...

CELESTINA — A minha?... Só pode ser a de todo mundo... Não te lembrás de sabbado, quando sahimos do Alvear? Não viste junto da porta o Theodoro?

JOAO MARIA — Que ten' isso?

CELESTINA — E' que o Theodoro trabalhou numa revista em S. Paulo, onde eu collaborava... com o pseudonymo de Madame Orchidéa...

JOAO MARIA — Dize orchídea... é melhor...

CELESTINA — Agora, quando tornei a velo... lembrei-me logo da revista e do meu pseudonymo... Elle naturalmente, lembrou-se tambem... e como sempre teve um «beguin» por mim, sem que eu lhe desse confiança... fez isso para vingar-se...

JOAO MARIA — Mas vamos lá... na tua opinião...

CELESTINA — Na minha opinião... e na de todo mundo... aquillo só pode ser contigo...

JOAO MARIA — Commigo???...

CELESTINA — Está claro... clarissimo...

JOAO MARIA — E se eu te disser que o tal Theodoro nada tem que ver com a Columna de Marforio...

CELESTINA — Seria a ultima das covardias... para deixar sem defezá uma mulher... Serias capaz de tudo... até mesmo de dizer que o escripto era teu...

JOAO MARIA — ...

CELESTINA — Anda... Vamos... Diz tambem que aquillo é teu...

JOAO MARIA — Pois sim... E' meu. Vê lá como te enganas...

CELESTINA — Ah... Eu não me engano... (sahindo arrebatada). E's o mais covarde dos homens...

(Panno)

Jan Richora





Galho DE URTIGA

Si no e vero...

Aquelle rapagão bonito, de «pince-nez», casado com aquella formosa senhora feita com lírios amassados, passa a tarde inteira na Avenida, olhando a multidão ondeante, enquanto madame se mistura com esta, acima e abaixo, sob os olhares encandecidos dos homens. Elle veste-se bem, e ella é chic. Vida feliz, e calma.

— Você é que sabe levar este mundo! — dizia-lhe, ha dias, o dono de uma camisaria elegante.

— Não trabalha, não se afflige, não tem preocupação...

— Eu? — fez o rapaz. — E' o que lhe parece.

E numa imagem commum, em que se misturavam o sertanejismo e a verdade!

— Trabalho como um boi!

Identificação... capilar

Todas as vezes que aquella admiravel senhora passava no rumo do Alvear, travava-se, á porta do Arthur Napoleão, aquella discussão entre o dr. Santos Lobo e o professor Amoêdo:

— E' oxigenada, meu velho! — assegurava o primeiro.

— Qual, nada! — protestava o outro. — E' loura, mesmo! «Rubio veneciano!»

Agora, com a moda das mangas largas, deixando ver as axilas, o caso ficou resolvido. Tinha ido o dr. Santos Lobo ao chá, quando voltou, de repente, á porta da casa de musica:

— Então? eu não disse? E' oxigenada!

E para o professor Amoêdo:

— Apurei isso quando ella levantou o braço!

Paga o justo...

A veneranda senhora, não obstante haver passado o cabo dos quarenta e cinco, é ainda, com a sua cabeça grisalha, uma figura mundana que se trata, notabilizando-se em vestidos e tintas. Honrado e trabalhador, o marido enriquece no commercio de productos nacionaes, vivendo entre o escriptorio e a casa, entre os freguezes e a familia.

— Fulano — dizia, de madame, o dr. Leonidio Filho, — é mercadoria fora do mercado. Está aposentada!

— E' engano seu, — protestou o dr. Ermani Alves.

— Prove!

— Posso provar!

A' tarde, estavam os dois, de automovel, em frente a um dispensario, dirigido pelo dr. Eduardo Rabello, agora ausente. De repente, o dr. Ermani exclama:

— Então? Ganhei ou não ganhei?

— Ganhou, — confessou o outro.

E' que acabava de entrar no dispensario, onde se está tratando, o marido da veneranda senhora...

Moças Bonitas

Quem tem belleza faz successo, e uma moça bonita não deve expor sua cutis aos rigorosos ventos do inverno sem a tratar. Um pouco de Creme de Cera Purificada de Frank Lloyd, applicado no rosto, nos braços e nas mãos ao deitar, corrige os estragos dos ventos e do sol e restaura a formosa cutis da infancia.



Syphilis? Só LUETYL

LICOR — CAPSULAS — INJECCÕES

RECEITA DE
SRO. GUEIRA

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue — Para syphilis e suas
terríveis enfermidades.

USAR! USAR! USAR!



— Deus fez o mundo em seis dias. E no sétimo ?

— Foi ver o riquíssimo sortimento de camisas, gravatas, meias, pyjamas, capas, chapéus e demais artigos destinados á elegancia do Homem e que deviam completar a sua obra maravilhosa, por intermédio da



“A Capital”



— Não temer a Tuberculose —

O “SANGUINOL”

E' o melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de “SANGUINOL” faz mais effeito que um vidro do melhor tonico. As Mães que criam, os Anemicos, as Moças palidas, as Crianças rachiticas e escrophulosas, os Esgotados, os depauperados, obtêm carnes, saude, vigor e sangue novo usando o “SANGUINOL”. E' o melhor preventivo contra a Tuberculose.

Desenvolve e faz as crianças robustas.

O “SANGUINOL” é muito superior ás Emulsões de Oleo de figado de Bacalhau que em geral atacam o estomago e o figado nas estações quentes.

Em todas as Pharmacias e Drogarias

Equipamento moderno de escriptório

Do melhor o melhor

a machina de escrever L. C. Smith & Bros n.º 8



A construcção, toda, “a espheras” na SMITH & BROS, não é nenhuma innovação — 20 annos de experiencia têm demonstrado a excellencia deste systema — Ausencia de attricto — maior durabilidade.

TABULADOR DECIMAL

sem augmento do preço.

Funcionamento quasi inteiramente silencioso. Modelos no. 8 e modelos no. 5

Agente geral: **John Roger**, rua da Quitanda 156 e 158

Mimeographos, ‘Edison-Dick’ — Os afamados Cofres “Minerva” etc. etc.

Visitem minha exposiçào.



"POTINS"

Ingenuidade

Madame, alta figura mundana, tem uma filha-nha que anda, hoje, pelos oito annos. Ha algum tempo, começou a frequentar a casa um conhecido homem de sciencia, jovem e insinuante, o qual se foi tornando dia a dia mais intimo, mais domestico, mais familiar. E tanto essa familiaridade progrediu, que, uma tarde, estando madame enferma, foi o doutor chamado, com urgencia.

Quando o medico chegou, estavam em torno á cama de madame varias senhoras amigas e parentes.

— O doutor Fulano está ahi, informou a creada.

A esse aviso, a pirralhita, que estava no quarto da enferma, poz-se de pé.

— Vamos sahir, gente! — convidou.

E muito sériasinha:

— Quando o doutor vem aqui, mamãe não quer que fique ninguem no quarto com ella!

Fim de folhetim... principio de romance...

Funcionaria de uma das nossas agencias postaes, aquella creaturinha oxygenada é procuradissima no bonde, pelos rapazes que descem áquella hora para a cidade. Disputa-se a sua visinhança como o cearense disputa agua, tempo de secca.

Um destes dias, sentou-se ao seu lado um estudante de medicina, conhecidissimo pelas suas conquistas. Na praça da Bandeira, a moça comprou um jornal, e poz-se a ler. O rapaz comprou outro, aproveitou a cortina de papel para approximar a perna, e, em certa altura da viagem, indicou, com o dedo, uma passagem do folhetim. A moça pousou os olhos, e leu:

— «Amo-te, meu amor!»

Dezejando responder logo, mademoiselle procurou com os olhos uma frase para resposta. Sorriu, e poz o dedo na ultima linha do folhetim. O rapaz olhou, e encontrou isto:

— «Continua»...

Razão poderosa

O jovem jurista, figura de relevo no Instituto dos Advogados, conseguiu, após alguns esforços, duas palavras com a formosa e oxygenada esposa de um collega, tambem de relevo. Gentileza vae, gentileza vem, propoz a madame o classico passeio de automovel.

— Oh, isso, não! protestou a moça. — O senhor não sabe, então, que eu sou casada?

— Por isso, não! — fez o rapaz, intelligente. E num argumento de advogado:

— Minha mulher tambem é casada, e sempre andou de automovel... commigo!



— O seu alfaiate veste-o mal?
Nós o vestiremos bem.
— O seu alfaiate veste-o bem?
Nós o vestiremos melhor...

VISITE V. EX. A
ESTRELLA BRANCA
(WHITE STAR)

E verificará que em parte alguma se poderá vestir em melhores condições

146 — Rua Urugayana — 146

ODORANS

Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito

Um... experiência custa apenas : **Liquido : 2\$500**
Pasta : 2\$500

A venda em toda parte — Em São Paulo : Casa Lebre — Atacado : Casa Hermann, Jr.